


# PENSAR E ESCREVER SOBRE O TEMPO PRESENTE NA OBRA “O DISCURSO DA POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA EM TEMPOS DE BOLSONARO E ARAÚJO”<sup>1</sup>

 CARLOS ENRIQUE RUIZ FERREIRA<sup>2</sup>

 <https://doi.org/10.47180/omij.v4i3.271>



***“Em política externa, discurso e ação na verdade se complementam e se sobrepõem. Frequentemente, o discurso é a ação e a ação é o discurso”***

(Embaixador Luiz Felipe de Seixas Corrêa<sup>3</sup>)

**P**ensar e escrever sobre o tempo presente, desde a prática acadêmica, é simultaneamente arriscado e necessário. Arriscado pela questão do *pathos* que nos envolve, entre o sujeito-objeto (tema que a obra se debruçará a partir de Bakhtin), mas também pelas ainda poucas análises efetivadas do ponto de vista acadêmico e científico. Mas se é arriscado, não deixa de ser necessário. A necessidade revela-se em ato inaugural, em criação, inovação, ao se propor objetos de análise que vibram ainda no tempo-espço, no *cronotopo*, contemporâneo. Os professores Fábio, Filipe e Sílvia empreendem este labuto. Eles iniciam e propõem indagações e reflexões sobre o tempo presente da política externa brasileira.

<sup>1</sup> Adaptado do prefácio escrito para o livro: *Discurso da política externa brasileira em tempos de Bolsonaro e Araújo* (São Paulo: Mentes Abertas, 2023).

<sup>2</sup> Mestre e Doutor em Ciência Política, Pós-Doutor em Filosofia, todos pela USP. Coordenador do Centro de Estudos Avançados em Políticas Públicas e Governança (CEAPP-G-UEPB). Professor na graduação e pós-graduação em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB.

<sup>3</sup> SEIXAS CORRÊA, Luiz Felipe. Introdução à primeira edição. In: Seixas Corrêa, L. F. (org.). *O Brasil nas Nações Unidas 1946-2006*. Brasília: FUNAG, 2007, p. 23.

O governo em análise neste livro findou, não faz nem um ano, mas parece que aqueles que prezam pela democracia, nós, queremos de alguma forma imputar a este fim de governo um caráter de passado, de distância, com relação a tudo o que ele fez e significou. Mas atenção! Se o governo de Jair Bolsonaro acabou, não é verdade que suas ideias, sua ideologia, sua cultura, tenham se esvaído da sociedade brasileira. Não. A ideologia e a violência da necropolítica, do racismo, do patriarcalismo, do machismo, da LGBTQIAP+fobia, dentre outros, seguem em voga. Nesse sentido, nossos autores cumprem um papel de destaque, trazendo um estudo tão bem estruturado e com tão aguda análise sobre os enunciados concretos dos discursos da política externa brasileira deste governo.

O terreno é íngreme, seja por tratarmos de pessoas e ideias na contramão dos direitos humanos e da democracia, seja pela densidade intelectual dos nossos autores, que propõem uma articulação de campos de conhecimento que poucas vezes se empreende, como é o caso da interface entre os estudos linguísticos e as relações internacionais. Mas se o topos é íngreme, nossos autores nos propiciam uma base segura para esse passeio e fornecem todo conforto para uma viagem que acaba por nos fascinar durante o percurso.

No capítulo primeiro, assentam-se os alicerces da pesquisa. É a partir de Bakhtin, e eu diria com ele, que se propõe a leitura, a tessitura, toda uma metodologia para analisar os discursos da política externa brasileira de 2019. Essa parte, como todo o trabalho, é permeada de originalidade. Não é apenas uma explicação qualificada das diversas possibilidades interpretativas, ou metodologias, de observar e compreender o “discurso” ou a “língua”, mas um estudo do tema aplicado às relações internacionais e, mais especificamente, ao campo da política externa brasileira. A Análise Dialógica do Discurso e seus conceitos de cronotopo, dialogismo, polifonia, dentre outros, cobram um sentido ímpar para nossos autores e auxiliam a produção de interpretações, reflexões e conclusões sobre os enunciados concretos dos discursos da política externa brasileira de 2019.

No capítulo dois, temos uma significativa análise do tempo-presente, do tempo-espaco-Brasil-pós-golpe e o fenômeno Bolsonaro. Somos convidados a observar as novidades da contemporaneidade, como a utilização maciça das mídias e redes sociais atreladas à uma campanha política que se alicerçou na desinformação. E, embora o termo não seja utilizado na obra, por que não dizer guerra híbrida, já que os elementos de polarização política, manipulação e sabotagem, além da desinformação, estiveram presentes naquele momento?

Passando para o governo de Jair Bolsonaro, poderíamos adicionar à análise que

a cultura e a defesa de violações dos direitos humanos em afronta aos principais direitos constitucionais - como bem apontou-se - são novos apenas em certo sentido. São semióforos, como disse já Marilena Chauí, são novos enquanto releituras, pois encontramos suas bases conceituais na mentalidade e prática colonial e colonizantes, há séculos e séculos atrás. Ademais, valeria destacar que o fenômeno e a ascensão de Bolsonaro só podem ser compreendidos com o suporte da mídia convencional, tradicional, impressa, televisiva e radiofônica, e sua campanha anti-Partido dos Trabalhadores e anti-Lula como caracterização do “mal”. Por fim, o papel de partidos de centro e centro direita, em particular o PSBD, foram fundamentais, legitimadores, para o golpe de Estado contra a presidenta Dilma Rousseff e a ascensão do bolsonarismo.

Temos também, neste momento, o convite a observar o primeiro discurso internacional de Jair Bolsonaro, feito em Davos, e uma série de discursos proferidos pelo então ministro de Relações Exteriores Ernesto Araújo. A análise destaca as palavras, termos-ideias, “negacionismo” e “ideologia” e nos brinda com uma série de reflexões, em conjunto com outros autores que vão de Volóchinov a Schwarcz e Chauí. O debate rico a respeito dos termos no campo científico contrasta com a compreensão minúscula do ex-presidente, exemplificando e situando o seu arcabouço mental. Para além, ganha relevo as referências sobre quais impactos internacionais essa política externa de cunho fascista (este termo é meu) causou em diversos campos, como da Saúde (pandemia) e o do meio ambiente.

Ao fim e ao cabo, acabamos por entender que a ideologia bolsonarista é alçada a um tal estatuto de verdade, “a” verdade, que naturaliza um *status quo* metal (econômico político, moral etc.) e psicológico que todas as outras formas de pensar e de interpretar o mundo, são categorizadas como “ideologias”, no sentido de objetivações e subjetivações não apenas errôneas ou equivocadas, não servindo sequer a um debate, mas muitas vezes “malignas”. Como se percebe, esse *status quo* filosófico bolsonarista é avesso à democracia e sua dimensão mais peculiar que parte da virtude do diálogo, do encontro dos contrários e da valorização da multiplicidade de visões de mundo.

No capítulo três ressalta-se, principalmente, os discursos de Ernesto Araújo, a dimensão religiosa, bíblica e as referências a verdade. O título dessa parte alude: Deus acima de todos e a verdade libertadora. A compreensão da política externa brasileira é que ela precisava ser libertada. Libertada de sua ideologia. Em seus diversos discursos, essa tônica do “mal” anterior, dos governos de esquerda repre-

sentados por Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, é frequente. Nota-se que os discursos são sobretudo de negação, contraposição, à esquerda, ao Foro de São Paulo, à Venezuela e a Cuba, ao globalismo, mas pouco se apresenta algo de positivo; a agenda concentra-se na negação. Encontramos algumas apologias ao nacionalismo ao amor à pátria, Deus, verdade, conceitos que, muitas das vezes podem significar um amplo leque de ideias e ou se tornarem abstratos demais, distantes de opções políticas efetivas de relações internacionais, como alianças, estratégias, e prioridade de relações bilaterais, multilaterais, no concerto das nações.

Contudo, se por um lado esse entendimento cobra sentido, por outro não. Polifonia. Souza, Melo e Nogueira nos ajudam a desvendar toda uma agenda positiva da política externa brasileira, como por exemplo: a possibilidade do ministro apoiar o estado monárquico Brasileiro, tendo em vista, como sublinha-se, que ele faz referência - no discurso de posse ao cargo de Ministro - ao senhor Bertrand de Orleans e Bragança como “Sua Alteza Imperial e Real”. Também podemos extrair de um trecho que o Brasil privilegiaria alianças com países conservadores e ou de direita, no momento em que o ministro diz que admira os países latino-americanos que se “libertaram” do foro de São Paulo. De igual maneira, ganha destaque sua preferência por uma política e filosofia colonialista, quando faz referência, por exemplo, ao termo tupi Anuê e que tem que ver com a uma tradução de José de Anchieta para a oração Ave Maria. Isso nos mostra, como Ernesto Araújo compreende que a língua tupi pode e deve ser utilizada para o esforço de uma catequização, de evangelização, dos povos originários. Ele vê, portanto, essa catequese como algo positivo. Por fim, uma outra agenda positiva seria a dimensão do cristianismo e a religiosidade. Neste sentido o cristianismo é entendido como algo que deve guiar as ações do homem público e de uma nação. Isso faz referência, como sabemos, a toda uma política internacional empreendida durante a época medieval, quando os Estados (e as identidades e representações pessoais e coletivas) orbitavam em torno da religiosidade. Novamente, o então ministro, se contrapõe à dimensão republicana, e retorna a tempos passados, em que a religião e a política, estavam fundidos, muitas vezes, sob a prevalência da primeira.

O que o leitor irá encontrar, portanto, é um texto extremamente sofisticado e agradável de ser lido, com ricas e extensas contribuições sobre o tempo presente, e especificamente sobre os enunciados concretos dispostos nos discursos de política externa brasileira, proferidos pelo então presidente Jair Bolsonaro e pelo presente pelo ministro Ernesto Araújo. Nossos autores, a partir do círculo

de Bakhtin, que fornece todo o ferramental para uma leitura e análise deste material discursivo, nos traz reflexões extremamente agudas sobre os termos que já aludimos aqui, como ideologia, verdade, liberdade/libertação, Deus e religião, e como eles estão imersos em um contexto sociopolítico ou em um cronotopo, do tempo presente, que teve o seu auge durante a presidência de Jair Bolsonaro, mas que não deve ser esquecido pois ainda se encontra presente – e em estado de latência – em uma significativa parcela da sociedade brasileira.

Boa leitura!



CARLOS RUIZ É PROFESSOR E MILITANTE. DOCENTE DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO E PÓS GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA UEPB E COORDENADOR DO CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM POLÍTICAS PÚBLICAS E GOVERNANÇA. MILITA NAS ÁREAS DE EDUCAÇÃO, COSMOPOLÍTICAS E DIREITOS HUMANOS. KUIAINAN@GMAIL.COM